

**O PROCESSO DE DESUMANIZAÇÃO À LUZ DA OBRA
ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA DE JOSÉ SARAMAGO¹**

**THE PROCESS OF DEHUMANIZATION IN THE LIGHT OF THE NOVEL
TITLED *ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA* BY JOSÉ SARAMAGO**

BIANCA CAROL SOARES MONTE²

RESUMO: Na obra analisada, o autor emprega a metáfora *cegueira branca* para expor de que maneira seria um mundo de cegos, onde não se respeita os direitos e garantias fundamentais, o que conduz ao declínio do Estado Democrático de Direito e retorno do homem ao estágio primitivo. O objetivo do trabalho é relacionar direito e literatura, através da análise da obra de José Saramago, possibilitando uma reflexão sobre o ensino jurídico dos direitos humanos, reflexão crítica do Direito, os aspectos da justiça, refletir sobre a cegueira social, violação dos direitos humanos e contribuir para a percepção da realidade atual dos direitos e garantias fundamentais. O estudo será desenvolvido, principalmente, a partir da leitura da obra *Ensaio sobre a cegueira* de José Saramago, de artigos, dissertações, teses e obras que tratem do tema da cegueira humana, desumanização, violação dos direitos fundamentais, bem como, de textos que abordem os direitos humanos. Estes aspectos tornam possível mostrar que o autor busca demonstrar que a cegueira que atinge os personagens é real e atual, é a denominada cegueira da razão. A cegueira tratada se refere à indiferença pelo próximo, a intolerância, ao egoísmo, ao comodismo, a competição selvagem, que são características da sociedade moderna.

PALAVRAS-CHAVE: direitos humanos; literatura; cegueira da razão; reflexão, processo de (des)humanização.

ABSTRACT: In the analyzed literary work, the author uses the *white blindness* metaphor to expose how would be a world of blinds, in which there is no respect for fundamental rights and guarantees, leading to the decline of the democratic rule of law and the return of man to the primitive stage. The objective of this study is to

¹ Artigo referente ao Projeto do PIBIC da Faculdade Santo Agostinho (FSA) – Interface entre o Direito e a Literatura: o ensino dos direitos humanos através da obra “O ensaio sobre a cegueira” de José Saramago -, orientado pela professora Rosália Maria Carvalho Mourão.

² Aluna do 9º período de Direito da FSA e orientanda do PIBIC/FSA. E-mail: bkinhasoares@hotmail.com

relate law and literature, by analyzing the José Saramago's novel, enabling a reflection on the juristic teaching of human rights, law critical reflection, aspects of the justice, reflecting on the social blindness, violation of human rights and contributing to the perception of the current reality of fundamental rights and guarantees. This study will be developed mainly from the reading of the novel titled *Ensaio sobre a cegueira* by José Saramago, articles, dissertations, doctorate's thesis and works that deal with the theme of human blindness, dehumanization, violation of fundamental rights and texts that address human rights. These aspects make it possible to show that the author seeks to demonstrate that the blindness which affects the characters is real, current and it is called the blindness of reason. The treated blindness refers to indifference to others, intolerance, selfishness, complacency and wild competition, which are characteristics of the modern society.

KEYWORDS: human rights; literature; blindness of reason; reflection; process of (des)humanization.

INTRODUÇÃO

Existem diversos elos entre Direito e Literatura, elos estes que podem ser utilizados para as mais variadas formas de investigação. Dentre elas podemos exemplificar a utilização de obras literárias para facilitar o ensino jurídico, pois promove uma reflexão crítica do direito, do verdadeiro papel da lei e da justiça. Reflexões das mudanças que ocorrem e que por muitas vezes o próprio legislador não consegue acompanhar.

Utilizar a literatura como forma de conscientização e reflexão, e assim abrir uma possibilidade para tentar questionar e responder aos problemas cotidianos e interpretativos da sociedade. Através da leitura de uma obra literária se pode aprender Direito, uma obra literária tem a capacidade de provocar reflexões sobre os direitos, garantias fundamentais e valores morais e éticos de uma sociedade, a leitura permite que o leitor e também intérprete coloque-se no lugar de sujeito retratado sem, necessariamente, ter vivenciado determinada situação, ou ação expressada. É possível identificar na fala dos personagens e em suas atitudes o pensamento social, histórico, jurídico da época ajudando que o intérprete entenda a evolução do pensamento humano e dos institutos jurídicos.

Essa interface tem como principal função contribuir para o desenvolvimento do homem, atuando em sua formação social, acadêmica e profissional. Através da leitura de uma obra, como *Ensaio sobre a cegueira*, que não determina lugares, características

personais e tão pouco, expõe nomes, pode se chegar à reflexão crítica sobre a violação de direitos e garantias, permitindo uma reflexão sobre o papel de cada indivíduo e qual o papel representativo da lei.

ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA E O DIREITO

Na obra *Ensaio sobre a cegueira* de José Saramago é fácil perceber o processo de desumanização pela qual passam os personagens e o declínio do Estado Democrático de Direito, que se dá após a epidemia de cegueira branca que assola a cidade.

A história começa contando a rotina de um personagem, que está no trânsito e sem motivo aparente se vê cego, em desespero ele é cercado por populares, que não compreendem inicialmente o que se passa e tomados pela curiosidade se aproximam para ver o que está acontecendo. Uns agem como donos da verdade, dizendo o que é, e o que deve ser feito, outros apenas olham e seguem adiante, indiferentes, como se nada acontecesse, e o personagem do ladrão de carros se oferece para ajudá-lo.

O autor criou um ambiente de ligação entre os personagens, em primeiro momento, quando o primeiro personagem a cegar chega ao consultório encontra os principais personagens da história, o médico, a secretária, a rapariga dos óculos escuros, o garotinho estrábico e o velho da venda preta. A mulher do médico também está diretamente ligada a esse ambiente. Ao chegar no consultório o médico trata de o atendê-lo primeiro, visto que se tratava inegavelmente de uma urgência, mesmo sob os protestos dos demais que haviam chegado antes e que ainda esperavam por sua vez, o primeiro personagem a cegar foi liberado e retornou a sua casa posto que o médico não havia constatado nenhuma deficiência visual. Esta situação intrigou o médico que decidiu procurar um amigo, também médico pra dividir com ele o acontecido. O médico estava cheio de dúvidas, então em seguida resolveu consultar os livros a espera de encontrar uma explicação para aquela cegueira repentina, foi quando também cegou. Todos os personagens que se localizavam no consultório do médico, quando o primeiro infectado pela cegueira chegou, passaram a cegar, um a um foram cegando.

Sem sintomas anteriores as pessoas passam a ficar cegas, por não entender o que está acontecendo, que cegueira é esta, como se dá o contágio, se tem cura ou não, passam a encarcerar, isolar, e desprezar aqueles que vão ficando cegos. Os primeiros cegos são mandados pelo governo para um manicômio desativado, numa tentativa de

quarentena, de isolar o problema e, por que não, eliminar todos os doentes de uma vez como sugere uma passagem da obra:

Sabiam o que no quartel tinha sido dito esta manhã pelo comandante do regimento, que o problema dos cegos só poderia ser resolvido pela liquidação física de todos eles, os havidos e os por haver, sem contemplações falsamente humanitárias, palavras suas, da mesma maneira que se corta um membro gangrenado para salvar a vida do corpo, A raiva de um cão morto, dizia ele, está curada por natureza (Saramago, 1995, p. 105).

A partir das primeiras crises o governo, que deveria garantir os direitos fundamentais dos então cegos, por não estar preparado para lidar com a epidemia de cegueira, é o primeiro a violá-los, primeiramente privando-os a liberdade, em vez de estudarem soluções eles confinam os cegos no manicômio, na tentativa de realizar uma quarentena para conter a epidemia, sem as mínimas condições de higiene e dignidade, restringindo o acesso até mesmo à saúde posto que ninguém podia entrar, nem mesmo médicos para possivelmente tentar um diagnóstico. A obra passa a relatar nesse momento uma omissão por parte do poder público que os deixa a mercê da própria sorte, apenas alimentando-os da maneira mais desumana possível. As caixas apenas com comida e alguns produtos de higiene eram deixadas à entrada, estes deveriam ser recolhidos pelos cegos sem sequer se aproximar do portão, pois os soldados receberam ordens para matar todos aqueles que tentassem fugir. Apenas comida e produtos de higiene, nenhum medicamento, nenhum tipo de atendimento clínico:

Uma pessoa que se feriu numa perna apresenta uma infecção declarada, necessitamos imediatamente antibióticos e outros medicamentos. As ordens que tenho são muito claras, disse o sargento, sair, não sai ninguém, entrar, só comida, se a infecção se agravar, que será o mais certo, o caso pode rapidamente tronar-se fatal. Isso não é comigo, disse o sargento (Saramago, 1995, p. 69.)

A narrativa do livro acompanha, principalmente, um grupo formado pela mulher do médico, o médico, a rapariga dos óculos escuros, o cego ladrão, o primeiro cego, o velho da venda preta, o rapazinho estrábico. A história segue sem determinar nomes, o grupo passa a viver no manicômio adaptado para receber os novos cegos até que se encontre uma solução. A única a não ficar cega é a esposa do médico, que presencia todos os abusos e sem as intervenções da mesma o processo de desumanização seria ainda pior.

O que o governo e as demais personagens fazem aos cegos é visto constantemente na nossa sociedade, basta lembrar a atual guerra civil enfrentada pela República Árabe da Síria, guerra esta que culmina pela total destruição da infraestrutura do país, gerando uma crise humanitária mundial, onde milhões já morreram e outros milhares de refugiados tentam entrar em nações vizinhas, aumentando as tensões entre países vizinhos. Nota-se a empatia, o preconceito e a discriminação com aqueles, que procuram apenas por paz e um teto para abrigar-se, a preocupação é com os prováveis gastos, com as possíveis perturbações e com a reconfiguração da identidade nacional. O medo, a indiferença, a intolerância, o egoísmo torna-nos cegos em nossa (des)humanidade.

Sobre esse aspecto, Bomfim (2010), afirma que o não reconhecimento do outro como indivíduo semelhante e igualmente livre é a causa de toda a cegueira. Na busca para assegurar uma determinada ordem social, alicerçada na garantia de direitos e no cumprimento de deveres, a sociedade define, também, instrumentos garantidores do exercício de cidadania. Sobre esse aspecto, Pedrosa (2008) entende que cada sociedade, para evitar o caos e a anarquia, esforça-se para assegurar uma determinada ordem social, instrumentalizando normas de regulamentação essenciais, capazes de atuar como sistema eficaz de controle social. Tais normas são elaboradas de acordo com a observação da sociedade.

Portanto, para a proteção dos interesses coletivos faz-se necessário uma força pública, mantida igualmente por todos os cidadãos, estes tem o direito e o dever de verificar, fiscalizar a prestação da tutela pública, obrigações essas que asseguram aos próprios indivíduos membros da sociedade o gozo de suas prerrogativas. Contudo, na obra em análise podemos verificar que todo esse sistema de controle social, garantidor, entra em colapso pois todos passam a perder um dos sentidos considerado básico, a visão.

Sendo assim, é possível através da leitura obra *Ensaio sobre a cegueira* de José Saramago refletir sobre o processo de (des)humanização e degradação que sofrem os indivíduos. A partir da leitura da obra, o leitor deve refletir sobre o processo de desumanização que os personagens e que a sociedade passam ao não enxergar mais o outro como um semelhante, digno de respeito, e os diversos tipos de cegueira que nós possuímos, muitas vezes, violando os direitos do outro seja por discordarmos de seus posicionamentos políticos, sociais, jurídicos ou por acharmos que pequenas

corrupções, como furar a fila de um banco não vão prejudicar ninguém. O estudo será desenvolvido, principalmente, a partir da leitura da obra *Ensaio sobre a cegueira* de José Saramago, de artigos, dissertações, teses e obras que tratem do tema da cegueira humana, desumanização, violação dos direitos fundamentais, bem como, de textos que abordem os direitos humanos.

Na leitura de *Ensaio sobre a cegueira* deve-se observar o que são direitos humanos, o que são garantias fundamentais e qual a melhor maneira de assegurá-los. Saramago demonstra na obra que não sabemos efetivamente o que são direitos humanos e como estes fazem parte do nosso cotidiano. Estamos cegos, fechados para a convivência em sociedade pois não queremos ver o outro.

No Brasil, por exemplo, a Constituição de 1988 é sem dúvidas a constituição mais liberal e democrática que o Brasil já teve, tornou o voto facultativo aos analfabetos, a idade mínima para ter direito de votar que era de 18 anos passou a ser de 16 anos. Aumentou também inegavelmente os direitos sociais. Os direitos civis limitados no período da ditadura foram recuperados, por exemplo, o direito à liberdade de expressão, de imprensa e de organização. Definiu também como crime inafiançável o racismo, a tortura, a constituição determinou também a defesa do consumidor. Para simplificar, agilizar e para dar mais economia à prestação da tutela jurisdicional foram criados os juizados especiais de pequenas causas cíveis e criminais, tornando a prestação jurisdicional mais acessível a todos.

Todas as nações dispõe aos indivíduos mecanismos de controle social, mas como utilizar tantos mecanismos garantidores dos direitos humanos se os indivíduos que são os aplicadores do Direito estão cegos nas suas individualidades? Para pensar em direitos humanos tem-se que partir do pressuposto de reconhecer que aquilo que consideramos indispensável para nós também é para o outro, como determina o artigo 5º da Constituição Federal, que todos são iguais perante a lei, sem qualquer distinção, desta forma também devem ser tratados em sociedade. E não estamos falando de igualdade de direitos no que diz respeito apenas ao considerado como fundamental como alimentação, saúde, educação moradia mas também de coisas que para muitos sejam supérfluos como o direito ao lazer, as diversas forma de arte.

A leitura desta obra nos permite refletir sobre as situações que se passam na sociedade atual, sobre o processo de humanização e desumanização dos indivíduos,

sobre a indiferença das relações humanas, sobre como nos tornamos cegos, mesmo enxergando, e não reparamos o nosso próximo. A leitura deixa claro que não é uma cegueira comum, é uma cegueira branca, é uma cegueira da razão. Em uma cidade, todos os habitantes ficam, de uma hora para outra e sem um porquê aparente, cegos. Não é uma cegueira, na qual se vê tudo preto; esses novos cegos passam a ver tudo branco, como “um mar de leite”.

Não era, afinal, senão a simples ausência de luz, que o que chamamos cegueira era algo que se limitava a cobrir a aparência dos seres e das coisas, deixando-os intactos por trás do seu véu negro, Agora, pelo contrário, ei-lo que se encontrava mergulhado numa brancura tão luminosa, tão total, que devorava, mais do que absorvia, não só as cores, mas as próprias coisas e seres, tornando-os, por essa maneira, duplamente invisíveis (Saramago, 1995, p. 16).

A metáfora da cegueira branca retratada é pois uma cegueira da razão; são os olhos da razão que não veem mas porque não o querem, estão adormecidos ou anestesiados. Estão cegos em sua individualidade, o ser humano perdeu o hábito de reparar, perceber a dor e se colocar no lugar de um semelhante. A intenção do autor é, através da narrativa dos fatos, provocar uma reflexão, mas que não pare no simples ato de pensar em si e sim numa reflexão que nos leve a mudar de atitude.

No início apenas algumas pessoas ficam cegas, e a solução, esperada por conta da quarentena não vem, aos poucos a epidemia vai tomando conta daquela sociedade. Não existe uma origem para epidemia, um diagnóstico ou conclusão de como as pessoas cegavam, não sabiam o porquê de estarem ficando cegos, estavam apenas confinados. Dentro do manicômio existiam, em meio ao caos, regras de convivência, mas que aos poucos foram perdendo a validade e assim o governo foi perdendo o controle da situação, os cegos se dividiram em grupos e os cegos, denominados de malvados pelo próprio autor, passam a tomar conta da situação, exigindo e impondo as circunstâncias mais absurdas aos demais cegos, tais como estupro, machismo, ganância e poder. Aos poucos os indivíduos cegos que estão no manicômio vão perdendo a humanidade, vão abandonando os valores morais e éticos. Um dos grupos formados, de uma das alas, percebendo o caos social vivenciado e por estarem armados passam a controlar o fornecimento de comida no local. Passam a trocar a comida, que era destinada à todos os cegos, por joias, dinheiro e tudo o que, de valor, pudesse ser oferecido em forma de pagamento.

Não se esqueceria o cego contabilista de condenar, na sua dupla

qualidade de parte no processo e cronista dele, o procedimento criminoso dos cegos opressores, que preferem deixar que se estrague a comida a dá-la a quem dela tão precisado está, pois se é certo que alguns daqueles alimentos podem durar umas semanas sem perder a virtude, outros, em particular os que vêm cozinhados, se não são comidos logo, em pouco tempo estão azedos ou cobertos de bolores, portanto imprestáveis para seres humanos, se estes o são ainda (Saramago, 1995, p. 160).

Verifica-se nesse ponto da narrativa o abuso de poder exercido pela vantagem de controlar a comida, já que tais objetos furtados ou trocados de nada valiam em meio àquela situação. Nessa hora o leitor deve se questionar para quê ouro, joia, prata, dinheiro, se todos estão cegos, se o Estado os abandonou a própria sorte, de que adianta tudo isso, afinal para que eles iriam utilizar joias, dinheiro ou outros objetos de valor? A narrativa segue e o autor mostra o fracasso desse sistema que entra em escassez pois de nada adiantava ter dinheiro, joias e poder pois eles não poderiam utilizar, então mais uma vez o lado mais obscuro do ser humano é retratado, o grupo passa a pedir em troca “favores” sexuais às mulheres.

Por medo do contágio, o governo apenas joga os contaminados e não dispõe mecanismos para que estes lutem ou denunciem quaisquer conduta criminosa, nem mesmo o Estado, naquelas condições, dispõe de algum mecanismo que possa verificar e conter os abusos praticados dentro do manicômio, o governo torna-se omissivo. A intenção do autor é mostrar ao leitor o pior lado da espécie humana. O que somos capazes de fazer com o nosso próximo quando nos é retirado um dos nossos sentidos.

A cegueira branca é uma metáfora para a cegueira que toma conta da sociedade atual, uma sociedade alienada, em que não se respeitam as diferenças, em que os indivíduos acham-se no direito de se sobrepor aos outros por pensar que suas vontades são as únicas urgentes, que seus problemas são os maiores. Matamos através da indiferença social, matamos um pouco de nós mesmos ao não perceber o ser humano que existe no outro, o outro tem outra religião, torce por outro time, vem de uma nação, tem outra orientação sexual, as diferenças são motivos suficientes para a indiferença. O diferente traz medo, de alguma forma o fato do outro ser diferente faz sentirmo-nos agredidos na nossa individualidade, como se o fato do outro ser diferente de alguma forma nos diminuísse. Saramago nos faz refletir sobre nossas cegueiras, sejam elas quais forem e em qualquer nível.

As circunstâncias expostas pelo autor nos mostra que os personagens realmente não entendem o que são direitos humanos e como tais direitos são intrínsecos ao convívio em sociedade, não entendem o quão estes direitos fazem parte do cotidiano dos cidadãos. Os Direitos humanos são inerentes a todos os indivíduos, à todos os seres humanos, sem distinção de raça, sexo, nacionalidade, etnia, religião ou qualquer outra condição.

Nas circunstâncias difíceis vivenciadas por todos dentro do manicômio, ao invés de constituírem grupos para se organizar e melhor se estabelecer naquele ambiente, tornando a vida de todos melhor, grupos que abrandariam as dificuldades, o que se vê é o oposto, o que se vê são grupos formados para praticar abusos, grupos armados que se utilizam da força e do poder para subjugar e dominar os demais, abusos praticados e sofridos pelos cegos. Que antagônico, todos na mesma situação, toda e qualquer vantagem obtida seria passageira, o prazer de apenas exercer o domínio, já que nem todo o dinheiro que pudessem arrecadar seria suficiente, já que lá dentro dinheiro, joias não tinham valor. Além de roubar os bens materiais, os cegos malvados são responsáveis pelo cometimento de diversos crimes, um deles muito retratado é a violação da dignidade humana de várias mulheres cegas, pois os cegos malvados, com a falência do sistema de trocas implantado inicialmente, passaram a exigir que em troca dos alimentos, que as mulheres se entregassem sexualmente a eles, independentemente de serem solteiras ou casadas.

A resposta foi curta e seca, Se não nos trouxerem mulheres, não comem. Humilhados, os emissários regressaram às camaratas com a ordem, Ou vão lá, ou não nos dão de comer. As mulheres sozinhas, as que não tinham parceiro, ou não o tinham fixo, protestaram imediatamente, não estavam dispostas a pagar a comida dos homens das outras com o que tinham entre pernas (Saramago, 1995, p. 165).

Resta claro a falta de solidariedade entre os indivíduos, que mesmo passando pelo mesmo problema, pois todos estavam cegos e assim estavam sem saber o porquê ou até quando, se isolavam cada vez mais e se tornavam cada vez mais individualistas, mesmo que através da situação, de cegos, em que se encontravam a necessidade do auxílio de terceiros, para as coisas mais básicas, era cada vez mais necessária. Os cegos não pensavam no próximo, não identificavam na cegueira e dificuldade do outro a sua própria e não perceberam que com isso a deterioração das relações humanas se

instalou cada vez mais. Segundo o médico oftalmologista “É desta massa que nós somos feitos, metade de indiferença e metade de ruindade” (Saramago, 1995, p. 40).

A personagem que mais se destaca por não ter ficado cega e pela sua humanidade é a mulher do médico, mesmo após o marido ser contaminado pela cegueira, ela não o abandona, muito pelo contrário, decide conviver com ele dentro do manicômio. Mesmo com a resistência do motorista da ambulância que levaria o oftalmologista, que só tinha recebido ordens de levar um, ela mente e afirma ter acabado de ficar cega para ser levada também.

Finalmente subiu e sentou-se ao lado do marido. O condutor da ambulância protestou do banco da frente, Só posso levá-lo a ele, são as ordens que tenho, a senhora saia. A mulher, calmamente, respondeu, Tem de me levar também a mim, ceguei agora mesmo! (Saramago, 1995, p. 44).

Ela não estava cega, mas por amor não queria que o marido, cego, fosse sozinho ao manicômio. E assim ela mesmo enxergando, passa a morar no manicômio e assim presencia todas as formas de abuso relatadas na obra.

O autor evidencia o lado humano da mulher do médico, o amor, a coragem e a determinação quando resolveu fingir-se de cega para acompanhá-lo, a única a enxergar e vivenciar todo o processo de decadência do ser humano, embora muitas vezes provavelmente queria cegar para não ver a desumanização dos que estão próximos a ela, sendo a responsável por ter olhos, ver, enxergar, quando todos os demais cegaram. A única que diante de todas as diversidades não se acovardou, não se acomodou, tentava organizar os cegos na luta pela sobrevivência. Mas a mulher do médico não sofreu apenas por ser a única a enxergar e vivenciar todo o caos, não sofreu apenas com todos os horrores da perda de humanidade gradativa que essa situação causava, ela pôde presenciar ainda que mesmo cegos os sentimentos, desejos, que os instintos mais naturais tornam-se ainda mais presentes, mais fortes e mais irracionais, pois ela viu o seu marido cego se adentrar embaixo dos lençóis da rapariga dos óculos escuros.

Não se deitou logo. Encostada à parede do fundo, no espaço estreito entre duas fileiras de catres, olhava desesperada a porta no outro extremo, aquele por onde tinham entrado num dia que já parecia distante e que não levava agora a parte alguma. Assim estava quando viu o marido levantar-se e, de olhos fixos, como um sonâmbulo, dirigir-se à cama da rapariga dos óculos escuros. Não fez nenhum gesto para deter. De pé, sem se mexer, viu como ele levantava as cobertas e depois se deitava ao lado dela, como a rapariga despertou e

o recebeu sem protesto, como as duas bocas se buscaram e encontraram, e depois o que tinha de suceder sucedeu, o prazer de um, o prazer do outro, o prazer de ambos (Saramago, 1995, p. 171).

Sofreu por presenciar o marido traindo-a. Não fora ela a última a saber, não fora a traição com uma completa desconhecida, tudo aconteceu ali na sua frente, por ver era ela a única testemunha da infidelidade do marido, e mesmo assim ela suportou tudo e compreendeu, só pediu silêncio de ambos, “calemo-nos todos, há ocasiões em que as palavras não servem de nada” (Saramago, 1995, p. 172).

Qual seria o motivo da traição? Se a esposa tivesse permitido qualquer tipo de desculpas, será que estas serviriam para acalma-la ou serviria apenas para diminuir a culpa sentida pelo próprio médico? e a, até então amiga, rapariga dos óculos escuros, que já tinha recusado outros, como o ladrão de automóveis, inclusive provocado a morte deste com um chute, por que não recusou também o médico? e o que dizer do perdão dado pela mulher do médico ao marido e a amiga? Algumas coisas apenas acontecem, sem ter uma causa ou sentido a ser explicado logicamente. Talvez dentre as respostas para estas indagações estejam os motivos que fizeram com que a mulher do médico fosse a única a não ter ficado cega.

O livro nos faz refletir sobre até onde o ser humano pode chegar quando encurralado, quando está em jogo sua vida, sua sobrevivência, o que um ser humano é capaz de fazer quando subjugado, oprimido, até onde o ser humano aceita a submissão. Quando os cegos malvados da outra ala, usando do poder lhes oportunizado pelo uso de uma arma e pelo controle da comida, que era destinada a todos, submetia os demais aos mais absurdos tormentos o que faltava era coragem de reagir, estariam todos dominados pelo medo? Neste momento, mais uma vez podemos perceber o quão diferente dos demais era a personagem da mulher do médico, pois ao não aceitar se submeter a entregar-se sexualmente ao chefe dos malvados em troca de comida, ela decide então por fim aquela situação.

Devagar a mulher do médico observava os movimentos daquele que não tardaria a matar, como o gozo o fazia inclinar a cabeça para trás, como já parecia estar a oferecer-lhe o pescoço. Devagar, a mulher do médico aproximou-se, rodeou a cama e foi colocar-se por trás dele. A cega continuava no seu trabalho. A mão levantou lentamente a tesoura, as laminas um pouco separadas para penetrarem como dois punhais. Nesse momento, o último, o cego pareceu dar por uma presença, mas o orgasmo retirara-o do mundo das sensações comuns, priva-o de reflexos, Não chegaras a gozar, pensou a mulher do médico, e fez descer violentamente o braço. A tesoura enterrou-se com toda a

força na garganta do cego, girando sobre si mesma lutou contra as cartilagens e os tecidos membranosos, depois furiosamente continuou até ser detida pelas vértebras cervicais. O grito mal se ouviu (Saramago, 1995, p. 185-186).

Pronto a mulher do médico havia os livrado do mal maior, de toda a exploração, dos abusos, agora enfim eles poderiam viver sem o domínio, sem o sistema de trocas, sem as ameaças, sem os abusos sexuais. Os portões começam a abrir, neste momento o autor nos faz perceber que o mundo já havia mudado, não era mais só aquela pequena porção formada pelos cegos que estavam confinados no manicômio que viviam uma realidade de degradação do ser humano, as portas se abriram e ao passo que saem eles podem perceber que o mundo que deixaram não é mais o mesmo, a ordem social fora quebrada.

Essa situação não é de todo uma ficção, exatamente por isso Saramago faz questão de não usar marcadores temporais, não atribui nomes aos personagens tão pouco ao local onde o enredo se desenvolve. A cegueira não tem tempo marcado, atingindo qualquer pessoa a qualquer tempo, em qualquer idade. No enredo os personagens são identificados apenas pelos traços físicos, pelos adereços, pela profissão ou por parentesco. O romance, *Ensaio sobre a cegueira*, tem uma linguagem de fácil compreensão, e fácil reflexão, uma leitura intensa e instigante.

Na obra, de repente o mundo é tomado por uma cegueira, uma cegueira coletiva, um romance que retrata as contradições da espécie humana. Os cegos desorganizados, fadados ao esquecimento, são largados a própria sorte e degradação e ao final mesmo livres do confinamento do manicômio, tornaram-se prisioneiros de si, alienados a um sistema que deixou de existir pois todos estavam cegos e em determinado momento quando finalmente recuperaram a visão, e isso ocorre da mesma forma que ficaram cegos, repentinamente, alguns, mesmo assim não conseguiram enxergar completamente, viviam uma cegueira funcional, sem perspectiva de vida. Assim, observou a mulher do médico, ao analisar o comportamento de uns com os outros e chegou à conclusão de que as pessoas tornam-se realmente quem elas são a partir do momento em que não podem julgar pela ausência de um dos sentidos.

A obra *Ensaio sobre a cegueira* pode ser indicada para qualquer pessoa, desde que essa esteja procurando fazer uma reflexão sobre a humanidade, talvez se esta desejar abrir os olhos para melhorar enquanto ser humano. A obra deixa impressões e

valores como a solidariedade, e o respeito ao próximo que devem ser cultivados, precisamos olhar e ver o outro a partir de nós mesmos, e ainda, que para mudar a realidade atual de egoísmo e indiferença que se instala na sociedade é preciso fazer a diferença ou ficaremos fadados a fazer de conta que enxergamos. Precisamos ser como a mulher do médico que não se acovardou diante de todos os abusos, devemos sempre estar dispostos a começar e recomeçar, sempre que for preciso.

E nos dias de hoje? O que significa ver? Significa ter humanidade, que consideramos e vemos no próximo nossa imagem e semelhança, que reconhecemos que todos temos direitos e que estes merecem ser respeitados, é aceitar as diferenças, respeitá-las e, afinal são essas diferenças que nos tornam únicos, que fazem de cada um indivíduo. Desta forma a mulher do médico no final da narrativa reflete sobre o fim da cegueira.

É possível que esta cegueira tenha chegado ao fim, é possível que comecemos todos a recuperar a vista, a estas palavras a mulher do médico começou a chorar, deveria estar contente e chorava, que singulares reações têm as pessoas, claro que estava contente, meu Deus, se é tão fácil de compreender, chorava porque se lhe tinha esgotado de golpe toda a resistência mental, era como uma criancinha que tivesse acabado de nascer e este choro fosse o seu primeiro e ainda inconsciente vagido (Saramago, 1995, p. 307)

Na obra *Ensaio sobre a cegueira* de José Saramago os direitos humanos são violados durante toda a narrativa, mas a principal reflexão que se deve ser feita é sobre o processo de (des)humanização dos personagens, a humanização seria o reconhecimento do outro como semelhante, portador de direitos, enquanto que a desumanização é exemplificada pela cegueira, pela indiferença que temos em relação ao próximo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O *Ensaio sobre a cegueira* de José Saramago nos leva a refletir sobre o que realmente somos, sobre o que enxergamos, se realmente vemos o outro ou se existe uma venda espelhada em nossa face que nos faz enxergar apenas o nosso reflexo.

Embora em meio a todo o caos narrado, não podemos deixar de perceber que o autor não retrata apenas o quão desumano pode ser o indivíduo, pois o autor demonstra também em sua obra que o ser humano não é de todo bom ou de todo mal, ao relatar os sentimentos e atitudes conflitantes dos personagens. A Mulher do médico

é amorosa, corajosa e determinada ao mesmo tempo que, pra não se submeter a determinada situação matou a sangue frio o chefe dos cegos malvados. A rapariga de óculos escuros, que matou o ladrão de carros quando este tentou abusar dela, que traiu a amiga e ao mesmo tempo protegia o garoto estrábico que chamava sempre por sua mãe. A sabedoria do velho da venda preta que amava a rapariga do óculos escuros e que acabaram por ficar juntos mesmo ela sendo anos mais nova do que ele. A obra nos mostra vários momentos de solidão e desespero vividos por todos os personagens, e que com um toque de mão ou uma palavra de carinho eram apaziguadas, demonstrando que os sentimentos não ficaram cegos.

O que é mais importante? bens, dinheiro e tudo ou todas as relações oriundas de valores, posição social ou os sentimentos e o auto reconhecimento? A obra faz o leitor pensar o que faria no lugar dos personagens, com qual personagem mais se identificaria, será que com a covardia do ladrão de carros, que depois de ajudar o primeiro personagem que ficou cego usa desse artifício para rouba-lo, ou com a sensibilidade da rapariga dos óculos escuros, com a fragilidade do menino estrábico, com a sabedoria do velho da venda preta, com a coragem e determinação da mulher do médico, o equilíbrio do médico, a maldade dos cegos da outra ala do manicômio, se na mesma situação, estaria cego ou também enxergaria?.

São muitos os questionamentos que a obra traz, e é impossível terminar esta leitura sem se colocar na situação, cego, perdido, envolto em um mundo de destruição e abandono. É impossível não perceber com o fim desta narrativa que o que mais nos diferencia é a coragem, é a coragem mesmo fazendo parte de uma minoria. Uma minoria que não cede e que não segue o mesmo caminho de um todo, o que nos diferencia e dignifica como seres humanos é o fato de lutar contra a arbitrariedade ou contra qualquer outra forma de controle que tenha como base a submissão do outro.

REFERÊNCIAS

BONFIM, Vinicius Silva. A responsabilidade de ter olhos: o direito na perspectiva do imaginário literário. *Revista CEJ*, Brasília, Ano XIV, n. 48, p. 101-109, jan/mar. 2010. Disponível em: <https://www2.cjf.jus.br/ojs2/index.php/revcej/article/viewFile/1154/1328>. Acesso em 15 out. 2015.

PEDROSA, Ronaldo Leite. *Direito em história*. 6 ed. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2008.

SARAMAGO, José. *Ensaio sobre a cegueira*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995

SILVA, Joana Aguiar e. Visões humanistas da justiça em “Ensaio sobre a cegueira”. In:

TRINDADE, André Karam (Org.). *Direito & Literatura: discurso, imaginário e normatividade*. Porto Alegre: Núria Fabris Ed, 2010.